

A capacidade de se surpreender

**Roberta Lella¹, M. Stefania Lobasso², Ilaria Miletto³, Fausta Romano⁴, Anna Siniscalco⁵,
Roma**

Premissa

“Ver a manada dos dragões sem cabeça: sucesso supremo”

I-Ching, “O clássico das mutações”, comentado por Wang Fuzhi (séc. XVII), considerado por Confúcio o *Livro da sabedoria*.

RESUMO: As autoras refletem sobre como, também na prática clínica, seja necessário conter a tendência de nossa mente à busca de certezas e previsões, para ampliar a nossa visão rumo à abertura de novos horizontes. Na relação analítica isso é de importância fundamental, para poder abrir-se ao novo e deixar no pano de fundo teorias sobre si mesmos e o mundo, rígidas, restritivas e não adequadas à complexidade do viver e, por isso, origem de sofrimento. É compartilhada a experiência de formação de um grupo de psicoterapeutas, orientado pela instrutora certificada de Tai Chi Chuan, Anna Siniscalco. Esta antiga disciplina,

1. Psicóloga, psicoterapeuta individual e familiar, colabora com o *Istituto Psicanalitico di Formazione e Ricerca A.B. Ferrari* (Roma) e participa do grupo integrado de Psicanálise e Tai Chi Chuan conduzido por Anna Siniscalco.

2. Psicóloga clínica, psicoterapeuta, psicóloga do trabalho e das organizações, sócia ordinária do *Istituto Psicoanalitico di Formazione e Ricerca A.B. Ferrari* (Roma) e participa do grupo integrado de Psicanálise e Tai Chi Chuan conduzido por Anna Siniscalco.

3. Psicóloga, Psicoterapeuta individual e familiar, em formação avançada junto ao *Istituto Psicanalitico di Formazione e Ricerca* “A.B. Ferrari” e participa do grupo integrado de Psicanálise e Tai Chi Chuan conduzido por Anna Siniscalco.

4. Psicóloga, psicoterapeuta individual e familiar, presidente do *Istituto Psicoanalitico di Formazione e Ricerca A.B. Ferrari* (Roma), participa do grupo integrado de Psicanálise e Tai Chi Chuan conduzido por Anna Siniscalco.

5. Instrutora certificada do sexto nível junto à I.Y.F.T.C.C.A., discipula do G.M. Yang Jun, com o nome de Yang Yamei, Presidente da *Associazione Dinamica Tai Chi Chuan e Arti Associate A.S.D.*

originária da China, através de uma prática constante, treina a mente a integrar-se com a dimensão corporal no aqui e agora, deixando, desta forma, de se escorar em teorias utilizadas como preconceitos. Seguem testemunhos clínicos sobre as transformações percebidas pelos terapeutas, no trabalho clínico, na esteira deste tipo de formação. PALAVRAS-CHAVE: I-Ching; Tai Chi Chuan; surpreender-se; aqui e agora; formação.

O primeiro hexagrama do I-Ching, “o Céu”, é constituído por dois grupos de três linhas, como todos os hexagramas representa os vários aspectos de uma situação e sua evolução. Neste hexagrama não se diferencia nenhuma das linhas, embora tenham posições distintas; nenhuma assume um valor em relação às demais. A nenhum aspecto da situação é atribuído um valor, quer seja bom, quer mau, certo ou errado; nenhuma ideia prevalece, nenhum dragão ergue a cabeça. É representada a possibilidade de o observador ver com clareza, sem avançar ideias que impeçam de acolher todos os aspectos da situação.

Esta é a capacidade sublime, o “sucesso supremo”: conseguir abrir mão de uma ideia inicial, de um ponto de vista. Uma hipótese primeira que, inevitavelmente, arrastaria o observador numa única direção, perdendo todas as demais, afastando-o da evidência. A mente, por sua natureza, alimenta-se e reconforta-se encontrando confirmações nos raciocínios, alguns dos quais já percorridos por outros. O observador, seguindo uma progressão lógica e com método, cava profundamente, é verdade, mas entra num túnel e se afasta do céu. Se, ao contrário, todas as possibilidades permanecerem abertas, não assumindo um ponto de vista inicial, podem ser colhidas todas as nuances na evolução das coisas. Esse antigo texto nos diz como seria possível surpreender-se: com a mutação, o que é adequado num caso, deixa de sê-lo em outro; muda o observador e o observado, a perspectiva permanece aberta. Uma compreensão que se transforma em esquema torna rígido e impede a renovação, a transformação. A verdadeira natureza das coisas, em qualquer situação, incluindo também o observador é, na verdade, a de *estar num devir*. Esta é a condição que permite colher

a totalidade da realidade, que é ampla quanto amplo é o Céu: estarmos dispostos a acolher o novo, o inesperado e, assim, a nos surpreender.

Portanto, no antigo texto, considerado o primeiro dos textos clássicos chineses e referência da prática do Tai Chi Chuan, a capacidade de se surpreender é uma qualidade própria da sabedoria.

Boa leitura.

Anna Siniscalco

Surpreender-se, ainda

“Olha! Que lua linda” Olhando a lua suspensa no céu noturno, mais uma vez surpresa e emoção, como a primeira vez... E em certo sentido é sempre a primeira vez.

Poder surpreender-se com um mar em tempestade, com os vagalumes que, como pontinhos luminosos, volteiam pela noite escura; poder surpreender-se por uma palavra que emerge de um paciente confuso durante uma sessão, uma palavra que revela o seu universo; surpreender-se por uma própria emoção face a algo que era considerado já definitivo.

Surpreender-se, ainda.

Isso pode ocorrer especialmente se conseguimos nos esquecer a cada instante, já que as transformações que acontecem em nosso corpo e em nosso sistema corpo-mente em relação com os fatos da vida nos impedem de afirmar que somos sempre os mesmos. Mas não haveria consciência e tampouco conhecimento se tudo pudesse só mudar em nós e nada permanesse: algo resta, algo vai embora. A sensação de ser eu e também a de não mais ser aquele eu que acreditava, convivem e contribuem com aquele processo complexo e dinâmico que chamamos Identidade.

“*Muda o observador e o observado*”, afirma Anna Siniscalco. Sim, se pudermos acompanhar este movimento da contínua mutação, até quando nós mesmos formos observador e observado, especialmente em nossa função de analistas, “a perspectiva permanece aberta”.

Este é o significado do *sem memória* de Bion: o que guardo de minha experiência em seu devir, entra na observação, transformando-se em algo

vivo, não como uma teoria apriorística a ser confirmada, mas como algo que é parte de mim: sou eu mesmo, nas minhas transformações. E assim, o viver pode ser entendido como uma sequência de momentos de transição de um estado a outro, de uma condição a outra, de um *ser eu* a *outro ser eu*. Vistos um a um, são momentos distintos e diferentes um dos outros; vistos através de uma perspectiva em conjunto, apresentam-se como partes de um único fluxo contínuo.

Então, podemos entender o surpreender-se como algo que nasce da conjunção daquilo que resta com aquilo que muda, no contínuo devir do ser, *Panta rei: tudo flui, nada se destrói, tudo se transforma (Heráclito)*.

A dificuldade está em conservar a capacidade de se surpreender, sem ceder à confortável e sedutora tentação de querer confirmar as próprias teorias; de olhar para as semelhanças e não também para as diferenças e, ao mesmo tempo, sem se perder de si.

“Conseguir desistir de uma ideia”, de uma hipótese pré-constituída para dar espaço às muitas outras que podem surgir, iluminadas por um “*raio de intensa escuridão*” (Grotstein J.S., 2010): para dar espaço ao novo que nasce do perceber, a cada instante. A luz viva achata a perspectiva (Leonardo da Vinci, Tratado sobre a pintura), enquanto, se diminuirmos a luminosidade, podem emergir em relevo as formas suavizadas pela penumbra.

E é essencialmente o corpo, a dimensão corporal, com suas mutações, a surpreender a mente, que tende a não ver, a fugir do contínuo transformar-se do corpo do qual a cada instante nasce, com a função de conter e amenizar as sensações corporais (Ferrari A.B., 1994).

Tende a separar-se, na tentativa de fundar dados certos e repetíveis diante de uma corporeidade em perene transformação e, portanto, não previsível, não controlável, em certo sentido revolucionária. As instâncias vitais, arraigadas sobretudo na dimensão corporal, reemergem e, amiúde, o corpo adoece, chamando necessariamente a si a função psíquica.

Harmonia necessária mesmo que dificilmente alcançável, aquela entre dimensão corporal e função psíquica.

Prática clínica e prática do Tai Chi Chuan

Um grupo de psicoterapeutas interessados na hipótese do Objeto Originário Concreto (OOC), que recupera a centralidade da dimensão corporal no pensamento psicanalítico (Ferrari, A.B., 1994), e movidos pela curiosidade e disponibilidade em ampliar e aprofundar sua formação, interessou-se a uma disciplina, nascida na China como arte marcial, à qual são reconhecidos efeitos terapêuticos: o Tai Chi Chuan. Esta disciplina afunda suas raízes em várias filosofias, entre as quais destaca-se o Taoísmo. Baseia-se na busca, no movimento, de uma relação harmônica entre dimensão corporal e dimensão psíquica.

Assim, resolveram envolver-se numa nova experiência de formação: há três anos, este grupo trabalha com Anna Siniscalco, realizando encontros mensais em que a prática do Tai Chi se integra a momentos de reflexão e troca sobre a experiência vivenciada.

Através desta formação peculiar, cada um está experimentando *na prática* o que significa reconectar mente e corpo, Bino e Uno (Ferrari A.B., 1994), o que significa ser uma unidade na alteridade ou, poderíamos dizer, na multiplicidade e ser, ao mesmo tempo, observadores e observados, observadores de si mesmos. O estar num grupo permite, ainda, aprofundar e ampliar a experiência.

A prática e o estudo do Tai Chi Chuan, em que cada movimento é a expressão de um pensamento e da articulação de energias opostas e complementares, o Yin e o Yang, permite orientar a mente em direção ao corpo, que amiúde sofre também por conta da profissão de psicoterapeuta, que requer longos tempos sentados, ignorando as necessidades desse corpo: movimentar-se, ativar a circulação sanguínea, respirar corretamente, deixar a energia fluir sem detê-la com posturas rígidas e contraídas...

É possível, nesta experiência, ampliar a consciência do próprio *ser mente em relação ao corpo* e encontrar e reconhecer os próprios limites, testando-os, desenvolvendo assim os próprios recursos.

A prática do Tai Chi Chuan dá suporte à mente no processo do *aprender com a experiência*, poderíamos dizer do se surpreender continuamente

através da experiência de si mesmos.

Nos momentos dedicados à reflexão e à troca, foi possível detectar conexões entre esta maneira de fazer formação e algumas significativas alterações no campo do trabalho clínico de cada um.

Sobretudo, detectou-se um desenvolvimento e uma ampliação da capacidade de se colocar no tempo presente - no *hic et nunc*, no aqui e agora - da relação analítica, da capacidade de observação e percepção na relação com o analisando, da própria capacidade de expressão.

É um exercício contínuo: voltar-se para o que é novo, em nós mesmos antes do que na relação com o analisando; não ficarmos agarrados a nossos preconceitos e teorias, estarmos dispostos *a nos surpreender, ainda*.

Dir-se-ia que haja assonâncias entre o que ocorre na relação analítica e na relação com a instrutora e com o grupo, durante a prática do Tai Chi Chuan: o centro das atenções é dedicado ao bem-estar psicofísico da pessoa, oferecendo um espaço seguro, isento de julgamentos, que ajuda a se conhecer melhor, enfrentar conflitos e incertezas e descobrir uma nova harmonia.

O Tai Chi Chuan favorece a capacidade de ser e de se acolher como diversos, instante após instante, de se concentrar sobre o atual, o agora, deixando para trás o passado e não se fixando num futuro que ainda não existe. A experiência de si mesmos numa prática que passa através do corpo como o Tai Chi, potencializa a capacidade do analista como catalisador dentro do espaço analítico, funcionando de forma diferente, partindo justamente do fato de poder colocar a atenção no momento presente: o tempo de Kairós⁶, em que o corpo, com suas percepções e emoções, é.

Assim, faz-se possível experimentar uma nova narração de si e da própria história, como parece que seja possível na relação analítica, tanto para o analista quanto para o analisando, uma nova narração. Cada participante pode encontrar um *novo* do qual se surpreender, acolhendo novas emoções e fazendo novas experiências de si mesmo. Poderia ser surpreendente ex-

6. O autor Junito Brandão, em sua obra “Mitologia Grega” define Kairós como “O deus do tempo oportuno”.

perimentar, dentro do espaço analítico, a construção de uma nova relação consigo mesmo, de um novo papel de protagonista no próprio presente, de uma nova postura na relação com os outros, e descobrir a própria identidade de terapeuta, mudada a cada vez.

Na prática clínica como na prática do Tai Chi Chuan, vivemos momentos em que experimentamos - na relação conosco e com o outro - a possibilidade de não ter um apoio e o risco de cair. Somos, portanto, chamados a descobrir constantemente uma nova *estrela guia*, ao movimentar-nos sem esgotar nossos recursos, mas utilizando-os para encontrar um novo ponto de apoio, mantendo um centro e uma harmonia que nos permitam funcionar. Na prática clínica como na prática do Tai Chi, quando a mente está centrada, não confundida nem perturbada, é possível ver com clareza aquilo que emerge no presente e surpreender-se do diverso que emerge.

Alguns testemunhos

1- A prática do Tai Chi ajuda a mudar e a aderir à mudança que a vida nos apresenta. Gostaria de compartilhar uma reflexão sobre o trabalho clínico deste último ano, durante o qual, em muitos casos, foi ativada uma modalidade de suporte psicológico à distância, através de uma tela de computador ou de um celular.

Com esta experiência perdeu-se ou apreendeu-se algo?

Em função da ausência dos aspectos da esfera não verbal, foi possível concentrar-se sobre outra faceta também importante: a voz do paciente, seu ritmo, a respiração, as tonalidades. A prática do Tai Chi permite-me perceber uma maior serenidade no trabalho clínico; ajuda-me a encontrar novas formas de trabalho e a aceitar também a suspensão dos encontros com quem não quis ou não pôde continuar.

Participando dos encontros de Tai Chi Chuan com Anna Siniscalco e com esse grupo tão único e original, graças à riqueza que cada componente traz, acontece algo especial: começamos a nos perguntar, por exemplo, como estão posicionados nossos pés, com grande surpresa. Com efeito, poderia parecer óbvio perceber de ter dois pés.

Durante esses meses, alguns percursos terapêuticos foram realmente complexos e algumas sessões, mais que outras, imbuídas de angústia e preocupações ligadas a esse momento particularmente complexo, que nos vê todos envolvidos e potencialmente expostos. A pressão é enorme, assim como a experiência de fragilidade gritada pelas pessoas que nos pedem suporte.

Durante uma chamada de vídeo com um paciente, pensei novamente nos meus pés e à maneira com que - hoje melhor do que antes de começar a prática - os posiciono, para ter melhor sustentação. Pensei em meus pés, retos e paralelos, à mesma largura de meus ombros, com as costas retas e no mesmo eixo de meu cóccix, o pescoço protendido para cima, pensei na sensação que consigo experimentar de arraigamento, nas pernas e nos pés, e ao mesmo tempo de relaxamento da área lombar. Todas coisas são aprimoradas com a prática do Tai Chi Chuan. Esta sensação me ajudou na hora de formular uma proposição analítica, se é assim que podemos defini-la, mesmo durante uma sessão que estava ocorrendo mediante chamada de vídeo. Durante a sessão, meu interlocutor manifesta angústia ao pensar na possibilidade de contágio por Coronavírus, para si e para sua família, pois descobriu que a filha de uma vizinha, com a qual suas meninas tinham brincado de pular corda poucas semanas antes, ficou infectada. Esta pessoa continua dizendo que, até àquele momento, sua vida tinha sido boa, sem particulares amarguras, com uma infância feliz, livre de lutos importantes, e quanto mais falava sobre quanto tinha sido bela sua vida até aquele momento, quando percebia tudo precário e incerto, tanto maior sentia sua angústia. Digo-lhe que me parece ser a primeira vez que ele tenha experimentado essa sensação de fragilidade. Responde dizendo que é assim mesmo, que até então tinha tido sorte. Naquele momento, *sinto* meus pés e lembro daquela sensação de arraigamento; compartilho com o paciente aquela descoberta prazerosa, alcançada durante a prática, de poder contar com meus pés. Digo-lhe, então, que aquilo que estava acontecendo com ele podia ser considerada uma ocasião e poderia experimentar que não se tratava de sorte ou azar, mas que, diante de uma situação preocupante e difícil,

como aquela que estava vivenciando, poderia descobrir que tinha *pés* com os quais contar, que iriam sustentá-lo, apesar da pandemia.

2- Um paciente, adentrando à sala: Doutora, tomei duas decisões... Olho para ele, percebendo a sensação de que meu corpo ficou como dilatado, ouço enquanto fala de suas decisões e me dou conta que me sinto surpreendida. Sinto, dentro de mim, surpresa, curiosidade e ao mesmo tempo me dou conta que, evidentemente, tinha me “aconchegado” com a mente sobre a ideia de que, juntos, eu e ele, não estávamos indo para lugar nenhum. Na realidade, ele estava procedendo, estava em seu tempo presente e eu, evidentemente, parada em algum lugar. Aquela sensação inesperada, nova, abriu uma passagem, ativou a possibilidade de um funcionamento diferente, um apelo para retornar no aqui e agora da relação. Algo importante está acontecendo, o corpo manda sinais, chama a mente, a mente o acolhe, dispõe-se a acolher, ‘arraigo-me’ no Kairós. Não há um antes e um depois, há o momento em que as coisas acontecem. Acontecem sempre; o fato é que a ótica que utilizamos para observar o que encontramos é monocular. Tendemos a ‘ver’ somente aquilo que pode confirmar nossa ‘ideia das coisas’, pois isso nos proporciona a sensação ilusória de pensarmos de estar prontos a gerir o que encontramos. É uma ilusão, justamente. Somos um sistema aberto, tendido a colher aquilo que encontramos e a nos reorganizar, sempre. Não obstante, a ‘rigidez’ do nosso pensar-nos num determinado modo enjaula e limita aquilo que, instante após instante, vamos elaborando, em paralelo, como informações. O corpo vai para frente e a mente permanece presa, como um molusco agarrado aos recifes, enquanto tudo flui... Talvez sejamos funcionalmente diacrônicos. As neurociências falam em elaboração em paralelo da informação, indicando com isso quantos dados elaboramos rapidamente e quantos assumem, constantemente, um lugar saliente, enquanto outros vão necessariamente para o plano de fundo, e vice-versa. Acontece, portanto, utilizando uma metáfora, que a mente narre para si mesma um lindo conto sobre a beleza da vida do campo, enquanto o corpo trabalha a terra, sentindo e vendo as mãos calejadas,

como o agricultor, no final do dia.

A propósito do corpo, afirma Ferrari: “[...] *é algo primigênio e originário, [...] não é fruto da experiência, mas preexiste e determina a mesma experiência, em certo sentido a produz.*” E ainda: “*a sensação [...] é uma realidade presente, a única realidade.* (2004, 2006 pág. 276, tradução livre).

A sensação é a única realidade presente! Senti-la e observá-la ao mesmo tempo é um exercício. Uma disciplina. Uma ancoragem no instante, no momento presente. Sair da redoma das precognições para encontrar palavras novas, novas não apenas porque, talvez, etimologicamente formuladas no ato, mas novas também porque pronunciadas para si mesmo, pela primeira vez (Tomei duas decisões...) e perceber isso.

Perguntar-se o que eu sou aqui, agora, enquanto aspectos de mim emergem, enquanto formulo a mim mesmo esta pergunta e, ao mesmo tempo, outros aspectos de mim vão para o segundo plano, para permitir que a pergunta emergja. Ser algo num momento é ser diferente em todos os momentos. Não podemos reter nada. Dolorosa verdade, geradora de limites e possibilidades. No processo de construção da relação analítica, analista e analisando zarpam de um “porto” - seu conhecer-se num dado instante, aquele instante de cada um - rumo a um “horizonte de possibilidades”, em direção ao qual, às vezes com tristeza, outras com presteza e agilidade, buscam-se novas maneiras para acompanhar a si mesmos. Nisso, é necessário um rigoroso e atento exercício de escuta. Aprender a escutar-se, para entender-se. Facilmente, a mente trilha o caminho de suas certezas, de suas precognições, às quais se agarra, forte e corajosa. Preconceitos, crenças, teorias sobre o mundo e sobre si mesmos, por um lado reconfortam e, por outro, estreitam o campo da experiência. Às vezes, até amiúde, contamos para nós mesmos o que e como ter que sentir.

O corpo tem linguagem própria; conseguir mover-se em “sincronia” com ele para ouvir o que dentro urge e dá sinais às vezes indecifráveis, implica a intenção de pôr-se em contato, criar uma conexão. Dar-se conta que estamos fazendo o que estamos fazendo.

“Colher plenamente o valor da intenção equivale a com-saber o sentido autêntico da relação. Intentio é relatio, mas somente enquanto intrínseca trans-formatio da imediação do dado” (Ferrari A.B. 2000 -1998, pág. 276, tradução livre).

Tomei duas decisões.... São palavras novas para o analisando, mas são também palavras novas para o analista, no contexto daquela relação, daquele romance analítico. É possível observar, agora, juntos, que se gerou uma potencial abertura para algo novo, em que observar sensações e emoções de uma distância ideal [...] O estado de harmonia psíquica, portanto, atua-se somente criando esta distância, este espaço mental” (Ferrari A.B. 2000 - 1998, pág. 14, tradução livre). É neste espaço, em que a função de escuta e resposta se “articulam ao unísono”, que podemos perceber e nos surpreender por sermos possivelmente sempre diferentes, novos, não óbvios.

Fernando Pessoa, no Livro do desassossego, por Bernardo Soares (um de seus muitos heterônimos), diz: *“Vivo sempre no presente. O futuro, não o conheço. O passado, já não o tenho. Pesa-me um como a possibilidade de tudo, o outro como a realidade do nada. Não tenho esperanças nem saudades. Conhecendo o que tem sido a minha vida até hoje — tantas vezes e em tanto o contrário do que eu a desejara —, que posso presumir da minha vida de amanhã senão que será o que não presumo [...] o que se sente exige o momento; passado este, há um virar de página e a história continua, mas não o texto”*.

Pergunto-me se a capacidade de se surpreender tenha algo a ver com a capacidade de tolerar o desconhecido.

3- *“Estou sempre cansada; imponho-me de sair da cama e fazer o que tenho que fazer, mas tão logo possível volto a aninhar-me lá. Ficaria o tempo inteiro em minha cama. Os acufenos que me partiam a cabeça agora diminuíram, mas eu não consigo mais encontrar vontade para viver”*. Ouço sua voz, que parece um choro baixo e constante, monocórdico, observo seu rosto, apagado, inexpressivo, *escuto com todo o meu corpo e com todo o meu ser* e tenho a sensação, vívida, que o mal da paciente

esteja no corpo, e não apenas na mente. Percebo que há algo físico que não compreendo. Esta sensação perturba-me e surpreende-me. À paciente foi diagnosticado um estado depressivo, em reação à uma patologia auricular que se manifesta com acufenos violentos, intensos e intermináveis que “a deixam louca” e para os quais está fazendo terapia farmacológica e ainda adotando um regime alimentar muito rígido, sem sal e com pouquíssimos tipos de alimentos. Parece que, com esta cura, os sintomas estejam diminuindo.

Mas ela diz que está perdendo o sentido do viver.

Escuto-a. Continuo tendo a sensação de que seu mal esteja no corpo.

Surpreendo-me e não compreendo, mas a sensação é tão forte que resolvo compartilhá-la com ela: *“A senhora não está deprimida”*, digo em determinado momento, *“esta sua necessidade de ficar na cama, encolhida, não sai da mente, mas de seu corpo. É aí que algo não funciona”*.

Por sua vez surpreendida, descobriria mais adiante que um dos fármacos que estava tomando para os acufenos tem, entre os efeitos secundários, uma forma de astenia. Suspende-o e aquele cansaço tremendo desaparece.

O analista, observador que observa a si mesmo em primeiro lugar, e que está presente na relação com o analisando com todo seu ser, não apenas com o pensamento, mas também com sua corporeidade. O analisando, que sabe de si mesmo, mas não sabe de saber. Ambos dispostos a acolher o novo, o inesperado, podem ter acesso ao mesmo acontecimento de uma perspectiva diferente e isso, quando acontece, dá espaço e fôlego para o novo.

4- *“Estava lá, remoendo o que teriam pensado de mim os amigos que estava aguardando e era tamanha a ansiedade que quase liguei para eles, para dizer que cancelassem a visita, que estava passando mal, que não podia... E naquele instante, por sorte, tocou a campainha. Eu sei que afinal, quando eles estão aqui, as coisas acontecem, rolam, e eu me sinto bem”*.

Enquanto escuto a analisanda, nasce em mim este pensamento: essa pessoa constrói dentro de si uma torre na qual é aprisionada, através de uma modalidade “madrasta” que a mantém encerrada, fazendo uso de sua

insegurança e seu medo (como no conto de Rapunzel) e somente o irromper da vida, que não pode ser gerenciada ou controlada por ninguém, pode constituir, para ela, a ocasião e a esperança de poder-se conceder oportunidades de vida, de liberdade da prisão e de prazer. Daí, a ideia de “*por sorte, tocou a campainha*”, como algo a ser traduzido operacionalmente e ser utilizado com ela, com a função de desnortear a função madrastra, quase acolhendo uma necessidade, um pedido implícito.

Depois de certo tempo, algo acontece. Naquele momento, a modalidade de trabalho era em remoto, mediante chamada de vídeo. A paciente não chama na hora programada para a sessão. Espero dez minutos e depois sou eu a chamá-la.

Atende, dizendo: “*Doutora! Não me arrumei, não pensava que tivéssemos uma sessão! Errei! Estou toda descabelada...*”

Aos meus olhos, a coisa surpreendente é que ela tenha atendido à chamada de vídeo: aceitou e quis participar assim como estava, até mesmo “descabelada”, algo impensável e inaceitável para ela; em outros momentos, se não está “arrumada”, como ela diz, não consegue estar presente (função madrastra). Durante a sessão, diz ainda que algumas coisas começam a melhorar.

Então decido de propor-lhe uma nova modalidade: serei eu a fazer a chamada de vídeo para a sessão, sem aviso prévio: *por sorte, a campainha toca*.

Ela aceita imediatamente, o que me surpreende.

A paciente deve respeitar alguns horários por conta de sua patologia e assim, peço-lhe de comunicar-me os horários em que certamente não pode atender à chamada. Ela faz isso poucos dias depois, enviando-me uma mensagem.

Quando a chamo de repente para a sessão ela está lá, pronta, e o trabalho avança mais intenso, rico, articulado.

Por um lado, ainda me espanto por ter pensado e proposto esta experiência à paciente, mas, por outro, compreendo bem o mecanismo que esteve por trás disso, graças também à experiência amadurecida com a

prática do Tai Chi Chuan.

Bem sei que querer saber como as coisas deveriam acontecer, antes mesmo que aconteçam, na ilusão de encontrar nisso uma fonte de segurança, na verdade só faz criar em mim ansiedade e incerteza, cuja consequência é certo grau de enrijecimento mental e perceptivo no encontro com o outro e, sobretudo, comigo mesma no encontro com o outro, numa espiral de medo, rigidez, imobilidade, que me traz grande cansaço.

Com a prática do Tai Chi Chuan experimentei como, concentrando-me na respiração, na percepção de minhas sensações, na posição das partes de meu corpo, nas minhas intenções, possa dispor de um meio para mover-me e para dar direção ao movimento. Tudo isso me ajuda a orientar-me sobre o lugar em que estou, sobre como estou e também sobre quem sou, como base de apoio para “ir em direção a” e “retornar a mim” e justamente neste movimento: encontrar uma percepção minha e achar a acomodação correta, a cada vez “correta”.

Este processo de busca não é indolor: modificar-se, modificar a própria postura psicofísica é, às vezes, até mesmo doloroso e, em todo o caso, perturbador.

Mas, com a prática, posso também experimentar como minha mente, empenhada na prática do Tai Chi, permita aos vários aspectos de mim de harmonizar-se, de estarem todos, sem conflito ou ânsia.

E então há calma, presença, percepção e intenção e... às vezes nascem propostas!

Ampliar e aprofundar nossa formação, mediante esta disciplina que inclui *praticamente* nosso corpo em nosso horizonte de observabilidade e de experiência está contribuindo a abrir em nós e em cada um, à sua própria maneira, o espaço para o exercício da liberdade: liberdade entendida como responsabilidade em relação a si mesmo e solidão consigo mesmo. Liberdade de deixar no plano de fundo os próprios conhecimentos, teóricos e pessoais, para encontrar a cada instante o novo: o novo em nós mesmos, o novo no analisando e, juntos, construir uma relação analítica que se faz a cada instante, do começo ao fim.

Liberdade que nasce da humildade de *saber que nada eu sei* (Sócrates) e do prazer de explorar os “infinitos” caminhos da mente.

E “...colher a totalidade da realidade, que é ampla quanto amplo é o Céu, estar dispostos a acolher o novo, o inesperado e, assim, surpreender-se”.

THE ABILITY TO BE SURPRISED

ABSTRACT: The authors reflect on how even in clinical practice it is necessary to contain the propensity of our mind to search for certainties and predictions, in order to widen our vision towards the opening of new horizons. In the analytical relationship, this is of primary importance, in order to be able to open up to the new and leave in the background theories about themselves and the world, which are rigid, restrictive and unsuitable for the complexity of living and therefore the source of suffering. The training experience of a group of psychotherapists, led by the certified Tai Chi Chuan teacher Anna Siniscalco, is reported. This ancient discipline, born in China, trains the mind to integrate with the body dimension in the “here and now” through constant practice, thus ceasing to rely on theories used as preconceptions. All this is followed by clinical evidences of the transformations perceived by therapists in their clinical work following this type of training.

KEYWORDS: I-Ching; Tai Chi Chuan; surprising; here and now; training.

LA CAPACIDAD DE SORPRENDERSE

RESUMEN: Las autoras reflexionan sobre cómo, también en la práctica clínica, es necesario contener la tendencia de nuestra mente a buscar certezas y predicciones, para ampliar nuestra visión hacia la apertura de nuevos horizontes. En la relación analítica esto es de primordial importancia, para poder abrirse a lo nuevo y dejar en un segundo plano las teorías sobre uno mismo y el mundo, rígidas, restrictivas e inadecuadas para la complejidad del vivir y por lo tanto el origen del sufrimiento. Se relata la experiencia de formación de un grupo de psicoterapeutas dirigido por la profesora titulada de Tai Chi Chuan Anna Siniscalco. Esta antigua disciplina, nacida en China, a través de una práctica constante entrena la mente para integrarse con la dimensión corporal en el aquí y ahora, dejando así de depender de teorías utilizadas como preconceptos. A continuación, se presentan pruebas clínicas de las transformaciones percibidas por los terapeutas en su trabajo clínico tras este tipo de formación.

PALABRAS CLAVE: I-Ching; Tai Chi Chuan; sorprenderse, aquí y ahora, formación.

REFERÊNCIAS

Ferrari A.B., *O eclipse do corpo*, Imago: Rio de Janeiro, 1994.

Ferrari A.B., *A aurora do pensamento*, Editora 34: São Paulo, 2000.

Ferrari A.B., *Vida e tempo*, Casa do Psicólogo: São Paulo, 2004.

Grotstein J.S., *Un raggio di intensa oscurità. L'eredità di Wilfred Bion*, Raffaello Cortina: Milano, 2010.

Wang Fuzhi (XVII secolo), (commentato da Julienn F.), *I-Ching. Il classico dei mutamenti*.

Observação: Este trabalho foi concebido e redigido para o XII Encontro Ítalo-brasileiro de psicanálise. Os testemunhos clínicos respeitam as normas previstas pelas leis sobre privacidade, já que são isentos de referências realísticas e reconhecíveis.

APÊNDICE

Este trabalho, escrito e concebido pelas cinco autoras, deriva da prática, iniciada há três anos, com encontros mensais, durante os quais a instrutora Anna Siniscalco ensina a forma tradicional do Tai Chi Chuan, aplicando o método da família Yang a um grupo de quinze psicoterapeutas. Periodicamente o grupo reúne-se com a instrutora para refletir e discutir sobre as impressões e as consequências observadas, que derivam da aprendizagem e da prática desta disciplina.

O objetivo deste método inovador é o de oferecer uma oportunidade de ampliação e aprofundamento da formação na profissão de psicoterapeutas.

Por tratar-se de uma atividade experimental, é nossa intenção compartilhar observações e resultados, após oportuno prazo.

robertalella@hotmail.it

stefilobasso@gmail.com

ilaria.milletti@libero.it

romano.fausta@gmail.com

anna.siniscalco@gmail.com